

[Oscar Araripe](#)

[20 de novembro de 2015](#)

A pedidos e por que não com muito orgulho publico aqui meu discurso de agradecimento pelo Diploma e a Medalha Tiradentes:

Digníssimo Doutor Flávio Alves Martins, diretor da Faculdade Nacional de Direito.

Estimado amigo Doutor Paulo Horn, criador e presidente da Associação dos Antigos Alunos – Alumni / FND e Chanceler da Comenda da Resistência Cidadã, a mais bela do Brasil.

Demais ilustres membros da Mesa.

Excelentíssimo Senhor Deputado Zaqueu Teixeira, antigo aluno, querido colega, que me honrou com este Diploma, e que gostaria de dividir, sem parcimônia, com todos os que lutaram e lutam pelo resgate da pessoa e da figura pública do Tiradentes, especialmente os aqui presentes, os juízes Auro Maia de Andrade, tiradentólogo notável, excepcional palestrante, e Helio Martins Costa, autor da sentença que legitimou o batismo como o dia do nascimento do herói, e o Dr. Wainer Ávila, presidente do Instituto da Liberdade, também palestrante e orador notável, assim como o Deputado mineiro Reginaldo Lopes, autor do projeto que culminou na Lei que criou o Dia Nacional da Liberdade. Agora, finalmente, já podemos festejar o nascimento do nosso maior herói.

Uma saudação muito especial à Professora Joana Loureiro,

Diretora Executiva do CACO, o mais famoso diretório estudantil brasileiro, agora iniciando o seu centenário. Nossas homenagens também aos bravos militantes do Movimento dos Calouros de 1964 e ao Professor Antônio Serra, primeiro Presidente do agora já cinquentão CACO-livre.

Senhores e senhoras agraciados com o Diploma e a Medalha da nossa Comenda da Resistência Cidadã.

Meus queridos amigos e amigas.

A todos os nossos agradecimentos e a nossa indizível gratidão.

Eu vos falo dessas gloriosas escadarias, corredores, salas de aula e desse belo e mais que centenário Salão Nobre, antigo plenum do Senado do Império, que ao longo da história da Faculdade Nacional de Direito, solo sagrado da resistência cidadã, milhares de nós ascenderam à militância do saber e da luta pelas liberdades democráticas. Direito é resistência cidadã.

Minha turma, a de 1968, a do Movimento dos Calouros, a da sempre lembrada geração que quis mudar o mundo, aqui levantou as primeiras vozes da resistência, inaugurando a transição democrática que iria vencer, aqui no CACO, as primeiras eleições contra a Ditadura, em todo o Brasil, mostrando o caminho da nossa necessária e urgente redemocratização.

Aqui, nesta gloriosa Casa, em vigília concorrida, na estrigídea noite de 31 de março para 1º de Abril de 1964, resistimos ao brutal ataque das forças do obscurantismo golpista, do oportunismo dos professores usurpadores de cátedras, inconcurados que eram da democracia, e de um diretor servil aos interesses escusos e que perseguia, punia e apontava à repressão os alunos de Direito que lutavam pelo Estado de Direito.

Tal era o absurdo. Canhões e metralhadoras contra vozes sufocadas – e só não houve aqui uma chacina porque fomos salvos pelo “ bravo capitão defensor”, Ivan Proença era o seu nome, que saindo com tanques do antigo Ministério da Guerra, por sua própria vontade,

garantiu nossa saída do prédio, nos organizando em grupos de cinco.

Aqui, portanto, fomos eleitos, cassados, perseguidos e punidos. Frequentar às aulas, naquele tempo de trevas, era incorrer no risco de ser sequestrado e desaparecer, pois a faculdade estava infestada de infiltrados agentes do terror. Contudo, mesmo assim, saímos vitoriosos, ainda que o preço que pagamos até hoje seja altíssimo, pois assassinada a democracia, a inversão de valores se estabeleceu e até virou regra, ao ponto da corrupção e do fisiologismo assumirem o papel que, pela ordem natural e democrática, deveria ser o da nossa virtude, a dos puros utópicos, a dos brilhantes racionais e a dos ávidos de verdades.

Perdemos sim, mas para vencer. Jamais pensei que na Faculdade onde fui impedido de entrar, como tantos outros, e cassado da minha representatividade eleita, e da minha liberdade de ir e vir, e do curso natural da minha vida, viesse um dia, num belo dia dourado e esperado como este, Dia Nacional da Liberdade, batismo e nascimento do nosso Herói Nacional, entronizar uma pintura de Tiradentes, animosa e de tamanho simbolismo libertário. E ainda ser diplomado com a Medalha Tiradentes, maior honraria do Estado do Rio, onde nasci. É como se tivéssemos dele, Tiradentes, herdado a consciência do porvir.

Outro dia, almoçando com antigos colegas, num restaurante bem popular do centro da cidade, no mesmo clima de descontração estudantil que um dia vivêramos, disse, pensando nesses fatos, e em tom de séria brincadeira: “Em Deus eu não acredito. Mas a Justiça Divina não falha”.

Ou seja, demos e muito bem, a volta por cima.

Eu não exerci a advocacia, preferi, ou melhor, fui preferido pelas artes, mas sempre amei o Direito, e o vejo como uma arte aplicada. Creio e luto pelo direito à Arte, como um dos direitos fundamentais da cidadania. Creio que a supremacia do homo sapiens deveu-se ao fato de ser artista.

Agradeço à direção da Associação dos Antigos Alunos da FND, na pessoa do nosso amigo-presidente, Paulo Horn, o convite para ajudar na programação cultural da nossa Alumni.

Aceitei de pronto, por sentir-me duplamente em casa.

De modo que, finalizando, recolhi estas palavras do meu artbook, publicado em 2011, em que comparo a Pintura à Justiça:

Para baixo e para cima, para os lados e para frente, a Justiça se assemelha às pinceladas de um pintor. Assim, é conveniente que além do natural prazer, o ato de pintar possa ser pleno de justiça. Justa vida, justa arte. Deve-se pintar como se julgassem mil decisões, todos os dias, artisticamente. Se a Justiça tem cláusulas pétreas, a Arte tem regras férreas, todas libertárias. Cada ponto um parecer, e cada parecer uma súmula e embora tudo fosse diverso, pintar é como julgar, no sentido das buscas das evidências e as garantias do contraditório, sombras e luzes, pois, ali como lá, julgar ou pintar, tudo começava com a Arte. Não há arte injusta, nem Justiça sem Arte.

Muito obrigado! Mesmo!